

Sócios da ideia



Flora Pereira da Silva

COMPARTILHAMENTO Sites de financiamento coletivo oferecem uma boa alternativa para tirar projetos criativos do papel

Logo que o Brasil foi eleito para sediar a Copa do Mundo de 2014 um bordão tomou conta das ruas: “Se está desse jeito agora, imagina na Copa”.

Um grupo de amigos de São Paulo decidiu não concordar e aproveitou o chavão para lançar um projeto inspirador: narrar 75 histórias de jovens brasileiros que estão transformando o nosso país para melhor. Uma história por semana, até o dia da abertura dos jogos.

Para mostrar ao Brasil todas essas ações positivas, os quatro paulistas contaram com a ajuda de mais

de 2 mil pessoas para tirar o “Imagina na Copa” do papel. A cofundadora, Mariana Ribeiro, relembra: “Só conseguiríamos realizar o projeto se ele fosse de muitas pessoas, se tivéssemos sócios da ideia. Queríamos testar se fazia sentido para mais gente”. Foi então que a equipe inseriu o “Imagina na Copa” no Catarse, o maior site de financiamento coletivo do país.

A dinâmica de sites como o Catarse, chamados de *crowdfunding* (*crowd* = multidão; *funding* = financiamento) é simples: você cadastra o seu projeto juntamente com um

texto e um vídeo para que as pessoas possam entender a proposta. Então é preciso adicionar uma meta de financiamento e dividi-la em cotas de doação, que podem ser pequenas ou robustas, incluindo recompensas para os doadores, como adesivos, canecas, ingressos para eventos, CDs etc. O projeto ganha um prazo para que as pessoas possam fazer doações por um sistema de pagamento *on-line* e enquanto ele estiver no ar você terá que “arregaçar as mangas” para divulgar a iniciativa. Hoje, os principais meios de divulgação são as redes sociais, como o Facebook e o Twitter.

Foi assim que o “Imagina na Copa” ultrapassou a meta de R\$ 20 mil só na primeira inserção no Catarse, principalmente com pequenas doações de pessoas físicas.

Rali dos sertões

Outro projeto criativo que você pode encontrar no Catarse é o “Saúde e Alegria nos Sertões (SAS)”. Apaixonados por esportes de aventura, Adriana Mallet e Sabine Bohnini juntaram alguns amigos para participar de um rali com carros de tração 4x4 no sertão nordestino. Decidiram acrescentar à diversão uma causa social que pudesse levar saúde e alegria às famílias carentes do semiárido. Em uma ação que durou dez dias e percorreu cinco cidades, os amigos conseguiram levar medicamentos para os vilarejos, realizar ações médicas, atividades esportivas com as crianças e palestras sobre construção sustentável, além de entreter as comunidades com cinema itinerante todo final de tarde. Tudo isso graças às doações ao projeto no financiamento coletivo. “Através do *crowdfunding* muita gente se envolveu, pois é um jeito não só de se capitalizar, mas principalmente de agregar pessoas que também são apaixonadas pelas mesmas ideias”, comentou Sabine.

Crescendo

Sonhado por cariocas, gaúchos e paulistanos e inspirado no site americano Kickstarter, o Catarse surgiu em 2011, com o propósito de desengavetar inúmeros projetos que não saíam do papel. Já recebeu 1.281 projetos, com uma porcentagem de sucesso beirando os 55%. Cerca de 88.500 pessoas contribuíram com mais de R\$ 10,7 milhões para as várias iniciativas. “Estamos crescendo e a curva é exponencial! O fatura-

mento no ano passado foi de R\$ 300 mil. A previsão para esse ano é de R\$ 800 mil”, explica Felipe Caruso, da comunicação do Catarse.

O Brasil é o quinto país no mundo que mais utiliza sistemas de financiamento coletivo, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, Reino Unido, Holanda e França. Sites de *crowdfunding*, como o Catarse e o Benfeitoria, com já levantaram, ao todo, um valor próximo aos R\$ 12 milhões.

Caruso explica ainda que as maiores barreiras para o *crowdfunding* são o desconhecimento do financiamento coletivo como alternativa para projetos criativos, além da dificuldade de uso da ferramenta explorando todas as suas possibilidades. Soma-se a isso a desconfiança dos brasileiros quanto aos meios de pagamento *on-line*. Sem contar, claro, com o pouco acesso da população à internet.

Esses entraves, porém, não alteraram os ânimos quanto às metas para os próximos anos. Aproveitando o crescimento, o Catarse deseja financiar, até 2015, mais projetos por ano do que a Lei Rouanet, de incentivo fiscal do Ministério da Cultura, que apoia cerca de 3.500.

Operação resgate

Pensando na educação das crianças brasileiras, a jornalista Flora Pereira (na foto) e o amigo Natan de Aquino iniciaram um projeto para quebrar preconceitos e estereótipos. Especialista em estudos africanos, Flora angariou fundos com a ajuda do financiamento coletivo para custear uma viagem de sete meses para o sul e o leste da África, juntamente com Natan. Eles produziram 94 reportagens sobre o “protagonismo africano, com exemplos de inovação, cidadania, sustentabilidade, projetos culturais, escolas de arte etc. Tudo o que seria uma quebra de imaginário

sobre a África”, explica Flora. Agora a dupla está realizando palestras em universidades, escolas e promovendo exposições fotográficas em locais públicos, como no metrô de São Paulo. “A ideia é voltar em dezembro se o (segundo) financiamento coletivo tiver sucesso, dessa vez para visitar o lado oeste” do continente, conclui.

Outra iniciativa interessante está sendo desenvolvida pela TETO. Se depender dela, quando os jogos da Copa do Mundo começarem, teremos menos famílias morando em barracos no Brasil. A ONG, presente na América Latina e no Caribe, conta com a ajuda de voluntários para construir casas de emergência em comunidades extremamente carentes. Ao todo, eles já entregaram mais de 3 mil casas, literalmente colocando a mão na massa. “A expansão da TETO no Rio de Janeiro encontrou dificuldades na captação de recursos junto às empresas cariocas, devido a concorrência de financiamento que existe entre as ONGs do Rio”, explicou Fernando Haddad Moura, diretor-comercial da TETO no Rio.

A equipe decidiu partir para o financiamento coletivo. Com a ajuda de 215 “voluntários *on-line*”, arrecadaram R\$ 28.600 para a construção de cinco casas no Jardim Gramacho, antigo aterro de lixo na capital fluminense. “São cinco famílias incríveis e carinhosas que não tiveram muitas oportunidades na vida. Todas estão muito empolgadas com a intervenção da TETO e esperamos que a construção das casas seja apenas o início de uma nova vida para elas e para a comunidade”, completou Moura.

Provavelmente quando você estiver lendo esta reportagem as famílias já estarão em suas novas casas. E quem sabe depois desta leitura e de uma visita aos sites de financiamento coletivo você possa dizer, dessa vez em um tom positivo: “Se está desse jeito agora, imagina na Copa!”. ■